



“AVALIAÇÃO DO ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO DA ESCOLA DE ENGENHARIA ELÉTRICA DA UFG: UMA ABORDAGEM QUALITATIVA”

Emilson Rocha de Oliveira – emilson@prodirh.ufg.br

Universidade Federal de Goiás – UFG

PRODIRH – Prédio da Reitoria

Campus Samambaia

74001-970 – Goiânia – Goiás

Resumo: *Um dos problemas que verificamos nos processos vigentes de avaliação é que eles são essencialmente quantitativos e ocorrem isoladamente. Mesmo eficiente, a avaliação dos cursos de graduação, realizada essencialmente pelo provão e avaliação das condições de oferta, e a avaliação pela CAPES dos cursos de Pós-graduação, são exemplos desta afirmação. Além de fundamentalmente quantitativos, por serem processos externos, nem sempre permitem que a comunidade interna consiga perceber com clareza onde estão as falhas e como seria possível corrigi-las. Em abril de 2000, a Universidade Federal de Goiás, aprovou um novo projeto de Avaliação Institucional que se desenvolve através de uma abordagem predominantemente qualitativa e se propõe a realizar uma avaliação conjunta do Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão, tomando-se como base o planejamento estratégico elaborado por cada Unidade Acadêmica da Instituição. Outra característica importante é que, fazem parte, tanto da elaboração do planejamento como do processo de avaliação, servidores docentes e técnico-administrativos além de alunos e membros da comunidade externa, utilizando uma técnica de grupos de enfoque. Esses grupos permitem investigar de forma aprofundada um determinado tema, explorar e entender as idéias e as reações de seus integrantes que representam uma amostra do universo objeto de estudo. Os grupos, de no máximo 12 componentes e formados por sorteio, realizam reuniões, registradas em áudio e vídeo, conduzidas por um moderador externo. Com este material, a Comissão de Avaliação Institucional elabora um relatório final que é repassado para toda a comunidade da Unidade Acadêmica. A escola de Engenharia Elétrica da UFG foi uma das unidades acadêmicas que se submeteu a este processo e o presente trabalho apresentará o detalhamento de todo o processo bem como dos resultados desta nova metodologia de avaliação nesta Unidade Acadêmica.*

Palavras-chave: *Avaliação, Planejamento, Grupos de enfoque, Engenharia Elétrica.*



1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho abordaremos inicialmente o novo programa de avaliação institucional da Universidade Federal de Goiás implantado desde 2000. Faremos uma rápida descrição do histórico da avaliação na UFG e também dos principais pontos do atual projeto com destaque para o instrumento utilizado que valoriza a abordagem qualitativa do processo que são os Grupos de Enfoque.

Em seguida mostraremos como a avaliação foi aplicada na Escola de Engenharia Elétrica, apresentando, de forma resumida, os principais resultados desta avaliação, obtidos através dos grupos de enfoque sorteados para procederem a avaliação.

Concluiremos com uma análise dos benefícios que esta nova metodologia traz para uma avaliação integrada de todas as atividades desenvolvidas pelas unidades e órgãos de instituições de ensino superior.

2. A AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG

2.1 Histórico

Como instituição de ensino superior pública federal, a UFG tem a Avaliação Institucional como um instrumento importante para o constante aperfeiçoamento de suas atividades e otimização dos recursos públicos nela aplicados. No entanto, sabemos que o processo de avaliação enfrenta resistências e nem sempre se consegue dele tirar toda a eficiência e eficácia que se deseja.

De forma mais sistematizada a UFG pratica a Avaliação Institucional desde outubro de 1994, com sua incorporação ao Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras – PAIUB. Naquela época, um dos objetivos propostos era articular os vários processos isolados de avaliação que já existiam e como primeiro objeto de avaliação, elegeram-se os cursos de graduação.

Durante esta primeira fase, uma larga experiência foi adquirida, tanto pela Comissão de Avaliação Institucional – CAVI, como pelas unidades acadêmicas responsáveis pelos diversos cursos de graduação oferecidos pela instituição. No entanto, os dados, relatórios, seminários e discussões realizadas até 1998 apresentavam algumas limitações, seja pelo fato de estarem fundamentadas em aspectos quantitativos, como por estar restrita aos cursos de graduação, além de ainda não ter sido capaz de garantir intervenções concretas nestes cursos.

Em setembro de 1998, com a reestruturação da CAVI e através de uma meta-avaliação do processo vigente, um novo programa foi elaborado. Este novo modelo, que mantém os princípios do PAIUB, e portanto aproveita todo conhecimento até ali consolidado, evolui para que a avaliação tenha de fato um caráter institucional e global, avaliando ensino, pesquisa, extensão e gestão, além de possuir uma abordagem mais qualitativa, que de fato permita ações gerências mais claras e eficientes.

2.2 A metodologia do novo projeto

Considerando a necessidade de que a avaliação permita mudanças que nos conduzam a uma crescente qualidade, não só da produção acadêmica, mas também da vida, é bastante esclarecedora a reflexão de Bielschowski, ao afirmar que “no momento atual, de acentuada crise social e econômica, marcada pelas convulsões de valores éticos e morais, simultaneamente com a preocupação por uma sociedade melhor, não se pode prescindir (...)

de um compromisso sério com soluções que conduzam ao aperfeiçoamento constante dos empreendimentos humanos. Avaliações devem servir a esse propósito”.

Ainda nesta perspectiva, não podemos deixar de citar a afirmação de Ristoff (1997), de que “um processo de avaliação deve livrar-se do que pesa, do que está preso, do que não sai do lugar”.

A avaliação institucional configura-se como instrumento de gestão, ao fundamentar, oficializar e legitimar avaliações cotidianas; ao verticalizar e revelar novos diagnósticos. Ou seja, reafirmando diagnósticos cotidianos, verticalizando-os ou revelando novos, a avaliação permite à gestão institucional potencializar pontos fortes e superar pontos fracos.

Neste sentido, com o intuito de otimizar o modelo anteriormente desenvolvido, a nova proposta trabalhou uma avaliação por metas e resultados, negociados coletivamente, de forma a efetivamente atuar como instrumento de gestão acadêmica e gerador das mudanças necessárias.

Alguns pressupostos, definidos através da realização de diversas oficinas de trabalho com a CAVI e as lideranças da universidade, foram fundamentais para a elaboração do novo modelo. De maneira simplificada, a seguir, listamos as principais características do atual modelo de avaliação da UFG:

- ✓ Por ser global, sua aplicação não está restrita às unidades acadêmicas, mas também aos órgãos administrativos e de suporte acadêmico da UFG;
- ✓ Como tem caráter gerencial e está focado em avaliar metas e resultados negociados coletivamente, o processo está ligado diretamente ao planejamento estratégico e operacional das unidades e órgãos;
- ✓ Por ser institucional, a avaliação envolve toda a comunidade universitária bem como segmentos da sociedade externa. Por isto a participação de servidores docentes, técnico-administrativos, discentes e elementos externos a instituição, acontece desde a elaboração do planejamento até a avaliação final das metas nele definidas;
- ✓ Por não ser eminentemente voltada apenas para a coleta de informações e também por envolver aspectos humanos, políticos, socioculturais e contextuais, tem como a negociação seu elemento crucial de integração. Por isto, em sua primeira fase de implantação ele, apesar de ter sido aprovado pelo Conselho Universitário, instância máxima de deliberação da UFG, não foi imposto às unidades e órgãos, participaram do projeto aquelas que naquele momento se identificavam com o mesmo, e outras que foram sensibilizadas para aderirem ao programa;
- ✓ Como busca uma análise mais qualitativa do que quantitativa, já que, para esta última existem vários instrumentos utilizados tanto internamente quanto externamente, o projeto inovou ao realizar a avaliação através da técnica denominada de **grupos de enfoque**. Estes, pela relevância e inovação que os mesmos representam em processos de avaliação, merecem um destaque especial e no tópico a seguir, detalhamos sua atuação.

2.3 A metodologia dos grupos de enfoque

Ao definir a prioridade pela abordagem qualitativa o instrumento escolhido foi o de grupos de enfoque ou grupos de discussão. Estes grupos, permitem investigar de forma aprofundada, um determinado tema, além de poder explorar e entender as idéias e reações dos integrantes dos grupos, que representam uma amostra do universo objeto de estudo. Formados por até 12 pessoas, os grupos são motivados a gerar informações sobre os temas de discussão, por meio de questões avaliativas contidas em roteiro semi-estruturado de entrevista.

A discussão é conduzida por um mediador, externo ao núcleo, previamente qualificado e treinado para a tarefa. Este fomenta a discussão, mantendo o máximo de neutralidade e objetividade na condução do grupo, com o propósito de obter informações úteis à avaliação. Para manter a homogeneidade é importante que o mesmo mediador coordene o trabalho de todos os grupos de enfoque que avaliam uma determinada unidade ou órgão.

Para a avaliação interna, a escolha dos integrantes do grupo, é realizada através de uma amostragem probabilística, sorteando-se pelo número de matrícula os docentes, técnico-administrativos e discentes que farão parte de cada grupo. No caso de unidade com poucos técnico-administrativos estes são agrupados com os docentes em um único grupo de enfoque.

Para a avaliação externa, os integrantes do grupo são escolhidos também por sorteio entre os membros de uma lista formada por ex-alunos, membros de conselhos de classe, sindicatos, empresários da área ligada as atividades desenvolvidas pela unidade ou órgão, organizações governamentais e não governamentais entre outros.

A reunião dos grupos de enfoque, com duração média de quatro horas, além das anotações feitas pelo mediador, é registrada por meio de gravação de áudio e vídeo. De posse deste material, o mediador juntamente com membros da CAVI, elaboram um relatório onde os pontos considerados relevantes são registrados e justificados com transcrições dos comentários feitos pelos participantes.

O relatório elaborado é então apresentado a um último grupo de enfoque, formado também através de sorteio, entre os membros dos primeiros grupos. Este grupo analisa o relatório no sentido de validá-lo sob a ótica de ter reproduzido de forma clara o que foi discutido em cada uma das reuniões anteriores. Após esta etapa a CAVI elabora documento final que é impresso e divulgado para comunidade interna e externa.

Pretende-se que através desta metodologia, a avaliação se torne um processo pedagógico contínuo. Sua tendência é, pois, a cada reavaliação e redefinição de metas, avançar para níveis mais elevados de qualidade, principalmente pelo efeito demonstração do crescimento e desenvolvimento dos que se encontram em níveis mais avançados do processo de avaliação.

3. A AVALIAÇÃO DA ESCOLA DE ENGENHARIA ELÉTRICA DA UFG

Uma das unidades que aderiu ao novo programa de avaliação foi a Escola de Engenharia Elétrica – EEE. A participação desta unidade ocorreu após reunião da CAVI com o Conselho Diretor, onde foi aprovada a realização do planejamento da unidade para posterior avaliação.

Relataremos a seguir os principais pontos diagnosticados na avaliação dos grupos de enfoque, que no caso da EEE foram três. O primeiro formado por servidores docentes e técnico-administrativos, o segundo por alunos de graduação (terceira e quinta série) e o terceiro por membros da comunidade externa.

O resultado apresentado, é uma síntese do relatório elaborado pela CAVI, destacando-se a transcrição de alguns trechos das falas emitidas pelos membros dos grupos de enfoque como forma de reforçar as conclusões apresentadas.

3.1. Avaliação de Servidores docentes e técnico-administrativos

Este grupo foi constituído pelo agrupamento destes dois segmentos em virtude do pequeno número de técnico-administrativos lotados na Escola. Foram selecionados por sorteio 12 pessoas e compareceram 8, sendo 5 docentes e 3 técnico-administrativos.

3.1.1 Metas

Os presentes conheciam as metas definidas no planejamento e também avaliaram que as mesmas foram cumpridas satisfatoriamente.

“Todos nós lembramos (...) foi elaborado um relatório onde foram estabelecidas as metas e as competências necessárias(...) e depois ... (aqui aparece o nome de uma professora da escola) tem trabalhado muito ativamente com isso. Sempre que tem reunião do Conselho Diretor ela leva material para subsidiar...”

“A pós-graduação melhorou o nível por causa das reformas nos laboratórios, melhora na produção científica e publicação de artigos.”

“A pós-graduação recebeu nível quatro na avaliação do MEC. O ensino de pós-graduação está bom”.

“Sala de aulas e laboratórios foram reformados”.

Informaram que as metas que não foram cumpridas, deveu-se a escassez de pessoal em todas as áreas, poucos recursos financeiros, laboratórios que necessitam de equipamentos, entre outros. O depoimento a seguir confirma este relato.

“Eu creio que algumas metas que não estão sendo cumpridas (...) é devido à escassez de pessoal em todas as áreas e de recursos financeiros. Temos notado que o pessoal tem redobrado para fazer o máximo que se possa fazer”.

3.1.2 Ensino, pesquisa e extensão

Segundo o grupo, pode-se dizer que o ensino e a pesquisa vão bem e que a extensão precisa ser melhorada. Foi dito que talvez fosse necessário ampliar as parcerias, como forma, inclusive, de buscar recursos para a Escola se auto-equipar.

Segundo os relatos, uma evidência da boa qualidade do ensino foi a avaliação recebida pela pós-graduação, bem como, o fato de que os alunos da Escola prestam concursos para bolsas sem apresentarem dificuldades e, ainda, que são bem sucedidos nos exames de seleção para cursos de pós-graduação em universidades de referências. Disseram ainda que, o aumento de publicação científica – um dos fatores para a boa avaliação do MEC – é uma evidência de que a pesquisa vai bem.

“O aluno não sabe que está saindo forte...Vários alunos prestam concursos...sem dificuldades”.

“...enquanto não tem conhecimento do mercado, ele fala mal...Depois que passa pela experiência, ele valoriza (a Escola)...”.

Foi ainda levantada a questão de estágio como possibilidade de preparar melhor o aluno para o mercado de trabalho. No entanto, foi colocado que o estágio deve ser realizado após o aluno já ter adquirido um maior conhecimento para que o mesmo não seja utilizado como uma espécie de mão de obra barata.

“Muitas vezes o estagiário faz serviços de Office boy... principalmente quando faz...no segundo e terceiro anos...”

3.1.3 Gestão

No que se refere a gestão acadêmica e administrativa, o grupo, considera que todos tem colaborado na busca de soluções dos problemas mas percebe-se que as mesmas não estão devidamente articuladas com cada um tentando resolver seus problemas de forma individual, inclusive no aspecto financeiro, sendo isto um fator que pode vir a comprometer futuramente as atividades ali desenvolvidas.

“De uma forma geral na Escola... ninguém se acomoda, está procurando soluções...”.

“A situação de restrição salarial que a gente está vivendo... estamos começando buscar nossas soluções fora da Universidade... Tem muito dos nossos professores que estão reduzindo a carga horária para dar aula em outra Universidade,... fazendo consultoria fora ... e eu vejo que a Universidade está perdendo muito com isto”.

Já no que se refere a gestão de pessoas ficou evidente que as relações interpessoais precisam ser melhor trabalhadas, principalmente na relação aluno-docente.

“..Depende muito do professor e depende do aluno.. Tem os que se relacionam bem e os que não”.

“...o aluno problemático mata aula, mata prova...geralmente a tendência é este aluno falar...é pixar a escola”.

“ O relacionamento entre professores e Tas é bom..., não tem problemas,...somos ouvidos...”.

Questionados sobre se havia participação de técnico-administrativos e de estudantes nos Órgãos Colegiados da Escola de Engenharia Elétrica, responderam que os primeiros não participam mais do Conselho Diretor por decisão própria de seus representantes e que os segundos participam dependendo dos pontos de pauta. Sobre o referido afastamento dos técnico-administrativos foi dito, pelo próprio representante, que sua saída deveu-se ao fato de ter presenciado uma cena de desrespeito de um professor com o diretor da Escola.

3.2. Avaliação dos alunos

Este grupo foi formado por 12 alunos, sendo 6 da quinta série e 6 da terceira série do curso. É relevante dizer que a reunião do grupo começou após 45 minutos de espera e os alunos apesar de previamente avisados somente compareceram após solicitação da direção. A justificativa foi de que a reunião estava acontecendo em horário de aula e que os professores não haviam sido avisados.

3.2.1. Metas

Os alunos desconhecem o planejamento da EEE, chegando a confundi-lo com o planejamento de aulas. Diante do fato, foram apresentadas as metas estabelecidas e, os comentários, como veremos a seguir, ao contrário do grupo de docentes e técnico-administrativos, mostram que as mesmas foram cumpridas apenas parcialmente:

- ✓ Gerar e ter acesso a recursos através de prestação de serviços
“A gente vê algumas tentativas por parte de uns professores”
- ✓ Ter maior grau de interação da engenharia elétrica com outras áreas do conhecimento
"a engenharia é isolada."
"nós temos pouco contato com professores de outras áreas."
"às vezes, os meninos saem da escola de engenharia parecendo bicho do mato."
- ✓ Redistribuição (recolocação) de pessoal técnico-administrativo para melhor aproveitar as habilidades individuais
“Não houve. O responsável pelo laboratório ... O cara fala que aquela não é a área dele.”
- ✓ Fortalecer as coordenações do curso de graduação
"vou falar uma coisa, principalmente sobre a coordenação. No 2º ano nós tivemos problemas com um professor e a situação ficou tão crítica que nós não tínhamos condições de ter aulas mais com ele. Como a coordenação não ajudou a gente, nós procuramos a Pró-reitoria para uma coisa que poderia ser resolvida em

nível de coordenação. A coordenadora simplesmente falou que era normal ter 59% de reprovação e a culpa era dos alunos que tiveram uma nota de corte muito baixa no vestibular."

" e ela ainda falou "quando vocês tiverem algum problema, nunca vão lá encima, comecem daqui de baixo". Mas, como? A gente tentou."

✓ Fortalecer a pós-graduação

"Isso sim. O mestrado teve nota 4 na CAPES"

✓ Melhorar as condições físicas das salas de aula

"Eles trocaram o piso da sala."

"tem algumas salas que a luz bate no quadro e você não consegue vê o que está escrito."

3.2.2. Ensino, pesquisa e extensão

Na visão do grupo, o curso hoje não contempla seus objetivos, formando um profissional para atuar somente na vida acadêmica. Aquele profissional que deseja atuar no mercado teria muita dificuldade por falta do equilíbrio entre teoria e prática. No momento o curso é considerado muito teórico. Caberia ao próprio aluno preencher as lacunas na sua formação. O êxito desta tentativa dependeria do fator sorte em conseguir um estágio que possibilite o amadurecimento profissional do aluno.

"O que acontece hoje é que a escola de engenharia elétrica forma engenheiros para continuar na vida acadêmica. é teoria atrás de teoria."

Para formar engenheiros eletricitistas empreendedores, voltados para o mercado de trabalho, haveria necessidade de redimensionar algumas disciplinas da grade curricular que dessem aos alunos fundamentos de gerência de negócios como administração, engenharia econômica, e relações humanas. Os procedimentos didáticos dos professores dessas disciplinas também deveriam ser revistos. Segundo um participante, fazendo menção à disciplina economia, levar o aluno a decorar teorias, vai contra o desenvolvimento de raciocínio lógico exigido do profissional.

"Tinha que ter na grade algo para desenvolver mais a parte de gerência - administração, economia - para você ter uma visão geral da coisa, talvez sair até um empreendedor.. A economia é um resumo de um livro."

O grupo reconhece a importância da criatividade no exercício da profissão. No entanto, um participante alega que o comportamento de alguns professores acaba inibindo o desenvolvimento dessa habilidade nos alunos.

"... tem o livro, tem o exercício do livro, o professor põe igual aquele. Se você resolver de outra forma, não vale. Na minha opinião, você tem que ser criativo. A forma de resolver não importa. Eu me considerava um cara criativo, e a universidade está acabando com isso."

É somente a partir do 3º ano que os alunos adquirem a clareza do que vem a ser o curso e do encadeamento das disciplinas. Na opinião do grupo, muitos desistem no ciclo básico sem saber o que vem a ser a engenharia elétrica.

"O ideal seria sentir no início o que é o curso. A disciplina que deveria fazer esse esclarecimento - introdução à engenharia - não estaria cumprindo seu objetivo por ser muito teórica."

Na visão do grupo, portanto, o grande desafio para os alunos é "suportar" o curso até o 3º ano. Este é o ano considerado, em termos psicológicos, o mais difícil. Para superá-lo, o aluno deve se valer de uma boa dose de otimismo e persistência.

“...no quarto ano que vai... se o aluno suportou até o 3º ano, o 4º e o 5º vão. O 4º ano em si, em termos de matéria, é o mais difícil. Só que o 3º, psicologicamente falando... eu analiso isso, eu estava ficando doido, .. é o mais chato.”

Aulas expositivas são os procedimentos didáticos mais utilizados pelos professores. As aulas práticas laboratoriais, quando ocorrem, estão na maioria das vezes desvinculadas da teoria. O aluno não consegue fazer a ligação entre os dois momentos. Em algumas disciplinas, a vinculação entre prática e teoria demandaria maior envolvimento e disponibilidade do professor, o que não ocorre.

“90% do curso é teórico e os 10% é laboratório e laboratório mal feito. Você não consegue encaixar, é como se teoria e laboratório fossem duas coisas completamente diferentes.”

Em relação a estágio existe um descontentamento, principalmente por alegações de que a Escola só incentiva o estágio no 5º ano de curso, e também pelo fato de existir pouca interação dos orientadores internos com os locais onde os estágios são realizados, deixando os alunos muito sozinhos neste processo.

“...é o aluno que tem que se virar. Aluno que quer arrumar estágio no 3º e 4º ano, o aluno que se vira, que vai penar, porque ele vai se sobrecarregar.”

Apesar de dispor de uma boa infra-estrutura laboratorial, a fala dos alunos revela que a questão crucial nesse aspecto é a dificuldade de acesso, principalmente a equipamentos atualizados. Essa dificuldade é estendida também aos próprios professores. Para os alunos, essa situação decorre, em parte da falta de verba para a aquisição de software e manutenção de equipamentos que por ventura venham a ser danificados; de outra parte, devido à falta de recursos humanos que viabilize a abertura em horários alternativos que não coincidam com os das aulas, ou, ainda, mesmo devido à burocracia envolvida ou ao espaço físico reduzido.

"A escola é muito bem equipada, só que aluno não pode tocar. O próprio professor tem dificuldade de conseguir acesso a alguns laboratórios. O pessoal de iniciação científica tem um laboratório separado."

Sobre a biblioteca, os alunos apontaram dois problemas: o número insuficiente de exemplares de livros e acervo desatualizado. Segundo o grupo, a maior parte dos livros disponibilizada é proveniente de doações feitas pelos professores. Os alunos reconhecem o desafio de manter uma coleção atualizada frente aos rápidos desenvolvimentos em determinadas áreas.

“O problema na biblioteca é mais você não encontrar o livro. Quando tem, a quantidade é muito pouca. Tem um livro pra, tipo, 50, 60 alunos.”

Em relação a pesquisa, o grupo pondera que esta existe somente para um grupo seletivo de alunos. Um participante alega que, em alguns casos, não há interesse do professor em divulgar para toda a turma as oportunidades de participação em pesquisa. Mas para alguns participantes, este panorama está mudando. A iniciativa de alguns professores em divulgar mais amplamente os projetos fez aumentar o número de alunos interessados, mesmo não havendo remuneração envolvida.

“O professor corre atrás daquele aluno. Mas, se você estiver na média ou abaixo, o professor nem avisa. Se você correr atrás do professor ele fala "não, estou muito ocupado. Não tem". Aí, passa um pouquinho você sabe que o fulano de tal conseguiu com ele.”

Quanto à extensão, todos concordaram que um dos mecanismos para estar estabelecendo a interação escola-aluno-sociedade seria a organização de eventos mais abrangentes como feiras de ciências. Além da divulgação, eventos desta natureza poderiam promover entre os alunos o orgulho de pertencer à instituição.

“Eu acho que tinha que ter uma forma de abranger mais a escola com a sociedade. Como eles falaram, a feira de ciência, por exemplo, seria uma boa idéia.”

Porque aí a gente poderia estar mostrando nosso trabalho, o que a escola desenvolve. Pegar a idéia de um professor que está desenvolvendo um projeto, chamar um grupo de aluno para implementar aquilo e mostrar para sociedade o que a escola é capaz de fazer.”

Embora tenham apontado exceções (5 professores), a avaliação que o grupo fez de alguns professores foi negativa. Dentre os pontos negativos levantados sobre alguns professores estão: falta didática, falta empolgação, ânimo, vontade para dar aula, não estão interessados no aluno da graduação, não procuram saber o que o aluno está passando, arrogância dos professores doutores, não dão espaço para o diálogo, falta noção da prática.

Por outro lado os alunos reconhecem que a falta de tempo e a sobrecarga de trabalho dos professores é uma causa relevante para que os docentes não possam melhorar nestas questões.

“Ele [professor] tem mestrando, ele tem que orientar aluno da graduação, tem que fazer planejamento de aula, tem que corrigir prova, tem que fazer prova, tem que arrumar o laboratório.”

“...a maioria dos professores ali não tem tempo nem pra sua vida pessoal.”

3.2.3. Gestão

A atual administração da EEE foi descrita como paralisada, ultrapassada e *"de gabinete"*. O estilo administrativo adotado, segundo o grupo, está sendo a *"gestão pelo medo"*.

"Tanto o professor quanto o diretor se impõem na base do medo. Às vezes, você vê lá todo mundo comportado, não é porque a gente respeite o professor, é porque o professor gera medo. Se a aula é fraca e ninguém reclama é o medo do professor marcar ele e ferrá-lo na prova.”

No entanto, como mencionamos anteriormente, fica evidente que o maior problema está nas relações interpessoais, pois mesmos os comentários anteriores mostram que os alunos vêem a gestão apenas neste aspecto e não nas demais atividades de gestão exercidas pelos administradores da Escola.

As marcas que caracterizariam o relacionamento aluno-professor são distanciamento, que a partir de um determinado momento passa a ser desejado e mantido pelos próprios alunos, apesar das tentativas de aproximação por parte de alguns professores. Dificuldades em dialogar; animosidades; antipatias; má impressão e preconceito também foram comentários do grupo. Já com os técnico-administrativos os alunos disseram ter um bom relacionamento.

“Porque os alunos já chegam no 4o ano querendo distância do professor. Querendo que ele dê a aula dele e vá embora.”

3.4 Avaliação externa

O grupo de enfoque para a avaliação externa contou com a presença de 8 profissionais pertencentes a empresas públicas e privadas e órgão de representação de classe (CREA). Com exceção de um convidado, os demais foram alunos da EEE.

Segundo os presentes, os alunos saem da escola com uma boa base teórica. No entanto, estão formando profissionais para serem empregados e não empreendedores. Para o grupo, é necessário que se ofereça aos alunos experiência prática mais consistente, tendo sido destacado, inclusive, o fortalecimento da figura do coordenador de estágio para que se faça um acompanhamento mais efetivo dessa etapa da formação profissional. Talvez como provável conseqüência desta lacuna, os alunos se mostrem inseguros e despreparados para o mercado.

Os comentários a respeito da grade curricular giraram em torno de três pontos: desvinculação entre teoria e prática, estágio e ênfases. Sobre o primeiro, os convidados

concordam que no ensino a teoria está desassociada da prática. No entanto, não houve consenso sobre a validade da formação mais teórica e generalista proporcionada pela escola. Sobre esse último ponto, um participante observa que seria pretensão do mercado querer um profissional já totalmente pronto.

Para o grupo, os graus de dificuldade e de dedicação ao curso são considerados elevados o que leva o aluno a se preocupar demasiadamente com o *"fazer a prova dele e passar do que aprender e se envolver com questões práticas"*.

Na opinião do grupo, a estrutura do curso de mestrado favorece alunos recém formados. Adicionalmente, a universidade deveria oferecer cursos de pós-graduação mais voltados para realidade do mercado. Isso implica em fortalecer as linhas de pesquisa em automação industrial, que na opinião de alguns participantes estaria em boa situação e, potência - a previsão é de que em 10 anos falem profissionais nessa área. Segundo um dos membros do grupo, a EEE não está dando a devida atenção a esta área.

O Grupo mostrou-se desconhecedor das atividades de pesquisa desenvolvidas na Escola de Engenharia Elétrica, nada podendo comentar acerca de sua pertinência com a realidade regional. Porém, na opinião do grupo, os projetos da escola não estariam voltados para a empresa.

Para o grupo, é evidente que a empresa precisa da universidade, mas esta não tem condições, nem está preparada para atender às demandas empresariais. A escola não dispõe de canais para a interação com a sociedade ou empresas, o que obriga estas últimas a buscarem soluções para os seus desafios fora de Goiânia . Os contatos que existem ocorrem via canais informais, geralmente com ex-colegas da antiga Escola Técnica que agora são professores da UFG.

Além da burocracia já apontada anteriormente, faltaria experiência na relação universidade-empresa, a vivência de *"chão de fábrica"* - já mencionada anteriormente - e planejamento para uma atuação efetiva junto ao empresariado onde fossem previstas medidas para a criação de um grupo de pessoas ou um departamento cujo objetivo seria buscar parcerias e idéias junto ao empresariado. As pessoas integrantes desse grupo deveriam ser capazes de falar *"a linguagem do dia-a-dia, ou do empresário"*.

Diante do desconhecimento do grupo em relação aos produtos, serviços e pesquisas desenvolvidas na escola, foi sugerida a utilização ampla de canais de comunicação como os boletins informativos do Clube de Engenharia ou do próprio CREA.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se deste trabalho que a metodologia de avaliação proposta pela UFG, com ênfase na abordagem qualitativa, da qual a Escola de Engenharia Elétrica foi submetida, gera informações que permitem uma análise mais verticalizada das ações desenvolvidas por um determinado setor da instituição.

Ao trabalhar com grupos de enfoque, percebe-se que ao contrário de fatiar as atividades desenvolvidas pela instituição e das pessoas responderem perguntas padronizadas para aferir determinada ação, elas concentram suas intervenções naquilo que realmente importa, fazendo uma emissão de juízo de valor que analisa o produto do trabalho como um todo. É possível então, ao contrário de avaliações como o provão, e avaliação da CAPES, ter um diagnóstico global, emitido pelos próprios atores das ações.

No caso da Escola de Engenharia Elétrica percebe claramente que algumas ações estão no caminho certo tais como: boa formação teórica dos alunos de graduação, comprometimento do corpo docente e técnico-administrativo, um bom curso de pós-graduação stricto sensu, laboratórios bem equipados entre outras. Por outro lado também fica evidente que alguns pontos estão comprometendo uma melhor formação dos alunos bem como a oferta de



melhores serviços a comunidade como por exemplo: problemas de relações interpessoais entre docentes e alunos, pouca participação dos docentes nos estágios dos alunos, melhor clareza para os alunos desde sua entrada na instituição do que vem a ser o curso de Engenharia Elétrica, formação pouco prática com distanciamento do mercado, ausência de formação empreendedora e maior divulgação do planejamento e metas definidas pela Escola.

Uma das vantagens deste tipo avaliação, é que permite de forma mais eficaz, aproximar a avaliação dos executores das ações, gerando assim maior consciência por parte da comunidade acadêmica das potencialidades e deficiências, gerando oportunidades para que ações mais eficazes possam ser implementadas por parte de todos os envolvidos.

Enfim, o relatório gerado fornece a comunidade da Escola de Engenharia Elétrica, um instrumento bastante rico em informações e diagnósticos, de tal modo que esta comunidade pode, de forma coletiva, potencializar aquilo que já vem funcionando bem e corrigir o que esta prejudicando as suas atividades e serviços.

Agradecimentos

A todos os membros da Escola de Engenharia Elétrica e comunidade externa que se dispuseram a participar dos grupos de enfoque e também para todos os membros da Comissão de Avaliação Institucional da UFG que conduziram tanto o trabalho de planejamento, avaliação e elaboração dos relatórios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Comissão de Avaliação Institucional da UFG. **Avaliação Institucional 1998-2001. Uma mudança em curso.** Goiânia: CEGRAF, 2002.

PRIGOGINE, I. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza.** São Paulo: Ed. Da UNESP, 1996.

RISTOFF, D. I. A universidade e o compromisso com a avaliação institucional na reconstrução do espaço social. **Avaliação Institucional: desafio da universidade diante do novo século.** Belém: 1997.

SAUL, A. M. **Avaliação emancipatória: desafio à teoria e prática de avaliação e reformulação de currículo.** São Paulo: Cortez, 1999.

TRIGUEIRO, M. G. S. **A avaliação institucional nas universidades brasileiras: diagnóstico e perspectivas.** Brasília: UnB, 1998.

TEACHING, RESEARCH, EXTENSION AND ADMINISTRATION EVALUATION OF ELECTRICAL ENGINEERING SCHOOL OF UFG: A QUALITATIVE APPROACH

Abstract: *One of the biggest problems in institutional evaluations in higher education is the fact that they are quantities and isolates. Perhaps efficient, the evaluation of graduate courses applied by INEP and post-graduate applied by CAPES is an example of this. In 2000, the Federal University of Goiás - UFG, presented a new project where the principal characteristic is that it is global and qualitative. This new evaluation program, actuate in teach, research, extension and administration simultaneous, and utilizes a new qualitative instrument denominated "thematic groups". These groups are compost of twelve people (it is*



the maximum), pick out by lot of members involved in the process (teachers, technical, students and external members of the institution). Another characteristic is that the new program is based on strategic planning, where the goals are negotiated and fixed in groups. During the evaluation the “thematic groups”, in four hours meeting, discussing several themes of interest and evaluate every activities developed by the institution. This meeting, arbitrated by an intermediary, is recorded in audio and video and one written report are generated. The Electrical Engineering School of UFG was submitted to this new evaluation and this document presents the principals results of this process.

Key-words: *Evaluation, strategic planning, thematic groups, electrical engineering.*